

PLANO PILOTO ABRIGA 700 BARRACOS DE PESSOAS QUE VIVEM DE UM LADO PARA OUTRO

INDO E VINDO



Cristina Ávila
Da equipe do **Correio**

Em meio às centenas de pessoas que chegam a Brasília a cada semana, atrás de um sonho há muita gente que só quer sobreviver. Ao contrário de milhares de famílias que vivem nas invasões das cidades do Distrito Federal tentando a todo modo ganhar um lote, outros chegam em busca de solidariedade e comida. Essa gente habita cerca de 700 barracos — quase nunca mais que um pedaço de plástico preto sobre tábuas mal fincadas no chão — espalhados pelo Plano Piloto. Nem todos querem morar aqui, mas nenhum deles enxerga outra opção.

Não se sabe quantas pessoas moram assim. Em um mesmo abrigo, muitas vezes é possível encontrar até 15 habitantes. Grande número são crianças. Engatinhando pela sujeira, carinhas imundas, pezinhos trilhando o lixo. As invasões misturam famílias decentes e vagabundos.

Entre os moradores de barracos, muitos são trabalhadores que conseguem viver em lugar limpo e criar uma arquitetura interessante para amenizar a pobreza. Varandas ornamentadas por plantas em latas enferrujadas. Pedacos de pau que formam alpendres harmoniosos. Tapetes limpos em chão de barro.

Fotos: Jefferson Rudy



Na invasão do Setor de Abastecimento os barracos se multiplicam lentamente, mas as famílias mudam sempre obedecendo à especulação

Os amontoados humanos oferecem uma impressão errada para quem os observa do lado de fora. Parecem todos iguais. Mas não são. Na quadra 1 do Setor de Abastecimento e Armazenamen-

to Norte (SAAN), os barracos formam labirintos. Corredores pouco mais largos que os ombros de quem os percorre.

Nessa área tem barracos largos, com sofás encapados, prote-

ção contra a poeira. A luz elétrica trazida por gambiarras permite que se tenha água gelada. Em muitos lares, a água é mineral, por causa das crianças. Outros são barraquinhos tão pequenos

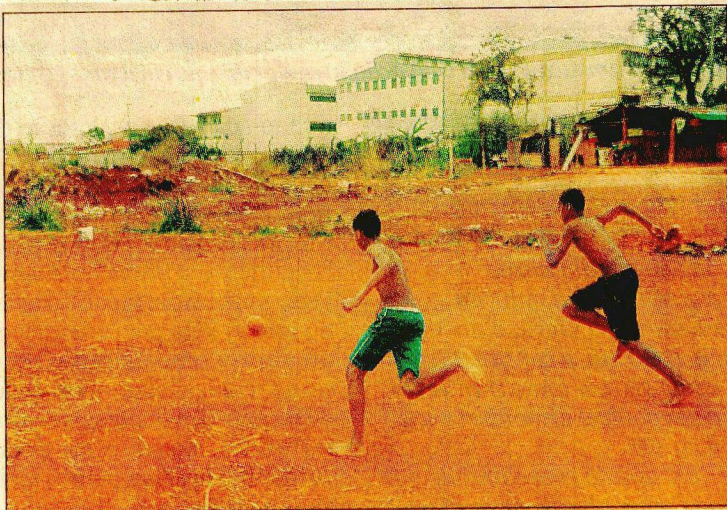
que não acomodam mais do que a cama. E outros só têm telhas e uma parede. O restante da casa é formado pelas paredes dos vizinhos dos lados e do fundo.

O Sistema Integrado de Vigi-

lância do Solo (SivSolo) tem levantamento com 30 focos que somam 280 barracos no Plano Piloto. Asa Sul e Asa Norte, áreas próximas ao aeroporto, nos setores de clubes e região da Água Mineral. Esse levantamento não inclui os barracos da SAAN. Mas o número desse tipo de moradia varia diariamente. Na ponte do Bragueto, que vai para o Lago Norte, as pessoas também não param. Os órgãos do governo encarregados de remoções levam lonas e elas ressurgem imediatamente.

Os funcionários do SivSolo fazem piada do trabalho constante de retirada de barracos, que não soluciona o problema. Eles chamam as invasões de “efeito sabonete”. Pega aqui, escapa da mão para outro canto. E assim continua Brasília. Atraindo todos os tipos de pessoas. Até agora sem solução para a ocupação desordenada de terras.

Deusa Maria dos Santos, 31 anos, chegou para o SAAN há menos de dois meses. O marido é bom trabalhador e faz parte de uma equipe de homens que moram por temporadas em Brasília, durante o período em que duram as empreitadas. Construção de prédios, principalmente. Desde 1977 ele vem, cumpre uma tarefa e vai embora. Desta vez trouxe a mulher, de Matias Olímpia, Piauí. Está trabalhando em uma obra perto do Cruzeiro.



A vida itinerante dos pais invasores impede que os meninos estudem

Espaço subumano

Os aglomerados de pessoas no Plano Piloto são causados por um fluxo de pessoas que chegam e vão embora. A invasão do Setor de Abastecimento há moradores que estão ali há quase 10 anos mas a maioria chegou há pouco tempo. A invasão cresce lentamente. No local há cerca de 500 barracos pegados uns aos outros como se fossem só um. Quem vai embora dá lugar a quem chega. Ou melhor, vende. E nem é preciso ir embora para vender. Há especuladores imobiliários de espaços subumanos.

“Compramos o barraco por R\$ 400. Um homem aqui vizinho tinha dois e nos vendeu esse”, diz Deusa Maria, enquanto prepara um café. Chegam até R\$ 1.200 ou R\$ 1.500. Talvez porque estejam no centro da capital.

“Aqui, a população aumenta toda hora”, afirma José Pinheiro Marrocos, 45 anos, há quase 20 vigia de uma área da Rede Ferroviária. “Se eu fosse comprar, seria dono de uns mil barracos, de tantas vezes que já me ofereceram para comprar”, exagera.

Em todas as invasões existem muitas crianças. As famílias reproduzem-se fartamente. As mulheres estão sempre prestes a dar novos filhos ao mundo. Adolescentes, 14, 15 anos, com moleques no colo. Muitos são perfumados, filhos de pais trabalhado-

res. Outros, imundos. Muita gente consegue comida vendendo latinhas, catando restos ou das doações dos brasilienses.

Na 214 Norte, outro amontoado humano. Vivem como se estivessem em um acampamento esportivo. Alegria total. Talvez anestesiados por drogas ou pela própria ignorância.

Deusa Célia, 33 anos, vendia verduras na feira de Irecê, mas volta-e-meia está em Brasília, buscando roupas velhas para vender na Bahia ou dar a parentes. Ela chegou a dois ou três meses e já está com nove sacos enormes, que tomam quase todo o barraco, para levar. Veio de carona, passou cinco dias na estrada. Ela e cinco filhos, de 4 a 16 anos. Nenhum está na escola. Deusa Célia não está interessada em encontrar trabalho, como muitos que chegam na cidade. Para ela, o que tem está bom.

“Aqui de vez em quando derrubam os barracos da gente. Se não fosse isso, eu ficaria em Brasília. Nunca corri atrás de lote. Os meninos não estão na escola porque não fico o ano inteiro nem na Bahia e nem aqui. Não adianta estudar se não vão acabar o ano mesmo”, diz. Deusa Célia vive fazendo turismo. “Pego passagens do governo, volto para Bahia, e quando está ruim lá venho para cá de novo.”

ANÁLISE DA NOTÍCIA

TRANSIGÊNCIA É CHAMARIZ

A distribuição de lotes a invasores de áreas públicas no Distrito Federal pode significar solução para algumas centenas de famílias. Mas é especialmente incentivo para especuladores. Políticos e imobiliários.

As administrações regionais e a polícia não param de arrancar barracos e tentar convencer os invasores a saírem de baixo das lonas. Muitos são levados para abrigos, recebem passagens de volta para casa, o mês de aluguel. E o problema só aumenta. Não tem fim. Os migrantes muitas vezes nem chegam a deixar o local onde acampam. As lonas vão embora e eles ficam.

No Plano Piloto existem vários tipos de invasões. De pessoas que não reivindicam moradia, conformadas em morar acampadas e viver das migalhas que ganham ou catam no lixo, e as invasões formadas pelos barracos de madeirite - algumas há vários anos fixadas nos mesmos lugares, sem solução.

Debaixo de telhas de amianto há todo tipo de pessoas, inclusive as que entram e logo saem, comprando e vendendo barracos. Brasília precisa encarar o problema. A condescendência favorece oportunistas e causa sofrimento a cidadãos. E empurra para o futuro as possíveis soluções.